

WALTER MAP E A TRADIÇÃO SATÍRICA MISÓGINA ANTIMATRIMONIAL NO LATIM MEDIEVAL¹

Pedro Carlos Louzada FONSECA²

Resumo:

Walter Map pode ser considerado, entre os escritores da tradição antimatrimonial misógina medieval, como um leal seguidor dos preceitos celibatários sumamente estabelecidos no seio da tradição patrística por São Jerônimo. Construído por Map ao feitio de crítica satírica no latim medieval, seu libelo *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat* [Dissuasão de Valério ao filósofo Rufino para não tomar uma esposa] representa, ao lado de outros escritos sobre o tema, o que há de genuinamente denegridor da mulher e do casamento na Idade Média. Apresentar os principais momentos dessa postura nessa obra citada constitui o objetivo principal desse artigo.

Palavras-chave: Misoginia medieval, literatura antimatrimonial, Walter Map.

Abstract:

Walter Map can be considered among the writers of medieval misogynistic anti-marriage tradition as a loyal follower of the celibate precepts highly established within the patristic tradition by St. Jerome. Written by Map in the format of a satirical criticism in medieval Latin, his libel *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat* [Valerius's deterrence to the philosopher Rufinus for not taking a wife] is, along with other writings on the subject, what can be found as genuinely denigrating of women and marriage in the Middle Ages. To present the main stages of this posture in the work cited is the main goal of this article.

Keywords: Medieval misogyny, anti-marriage literature, Walter Map.

Na esteira dos textos misóginos em latim medieval, que cuidaram em perpetuar a tradição satírica contra a mulher, principalmente enquanto realidade potencial para o casamento, e a apologia do celibato masculino enquanto realidade destinada para a superior vida intelectual e religiosa do homem, destaca-se a figura de Walter Map (Gauteri Mahap, 1140-c. 1209), membro da corte de Henrique II da Inglaterra e depois Arqui-diácono de Oxford.

Além de outros escritos merecedores de apreciação literária, ele escreveu *De nugis curialium* [Ninharias dos cortesãos] ao feitio de um compêndio de anedotas, comentários e alusões triviais, bem ao gosto da crítica satírica da sociedade cortesã da época, em meio a considerações extraídas da realidade histórica. Por volta de 1180, escreveu, em formato de carta, a sua conhecida *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem*

¹ Este trabalho é produto parcial da pesquisa intitulada “Mulher difamada e mulher defendida no pensamento medieval: textos fundadores”, que integra a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental da Fapeg – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. A pesquisa, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, recebeu apoio financeiro dessa instituição de fomento para o período de 2014 – 2015. É também produto de plano de trabalho de projeto de pesquisa relacionado ao tema e intitulado “Introdução à misoginia medieval de Tertuliano a Chaucer: estudo e leitura de textos fundamentais”, desenvolvido em estágio de pós-doutorado em 2013-2014, com bolsa da Fapeg, junto ao Programa de Pós-Doutorado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sob a supervisão da Profª. Dra. Maria do Amparo Tavares Maleval.

² Possui o título de Ph. D. em Línguas e Literaturas Românicas pela University of New Mexico (EUA) e é Professor Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

ducat [Dissuasão de Valério ao filósofo Rufino para não tomar uma esposa], cuja autoria não lhe foi creditada por tê-la escrito usando um pseudônimo, tendo sido então atribuída a Valério Máximo [Valerius Maximus], um escritor romano do século I. Entretanto, Walter Map acabou por decidir, para o bem da sua fortuna literária, reivindicar como de sua autoria e inserir a famosa carta de Valério a Rufino no seu já conhecido volumoso *De nugis curialium Distinctiones Quinque*, compondo a *Distinctio Quarta*, Cap. III.

Walter Map, antes de começar o texto propriamente dito da sua *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat*, faz uma breve introdução lamentosa acerca do que considera ser deplorável o estado físico e emocional em que se encontrava um amigo seu, filósofo que havia decidido tomar para si uma esposa, prejudicando, dessa forma, a sua dedicação à filosofia em favor do amor venéreo. Nesse sentido, diz que esse seu amigo vivia uma vida de filósofo e que, depois de muitas visitas feitas a ele, certa vez notou que ele tinha mudado na sua roupa, no seu porte e na sua expressão. Ele suspirava muito, a sua face estava pálida e a sua roupa parecia vulgarmente ostensiva. Ele falava pouco e estava sombrio, mas havia ficado arrogante de uma forma estranha. Ele tinha perdido o seu antigo engenho e jovialidade. Ele dizia que não estava bem e, na verdade, ele não estava. Walter Map o via vagando sozinho e, na medida em que o respeito permitia, ele se recusava a falar com ele, dizendo que esse homem assim depauperado se encontrava no aperto da paralisia de Vênus; que todo ele parecia um pretendente, em nada, um filósofo. Entretanto, esperava que ele se recuperasse depois desse lapso, desculpando-se por nada saber, pensando tratar-se de uma brincadeira, não de alguma coisa brutalmente séria.

Walter Map diz que esse seu amigo não planejava ser amado, mas estar vivo, pois não queria ser Marte, o amante de Vênus, mas sim Vulcano, o marido dessa deusa. Nesse ponto paroxístico de descaminho do infeliz amigo, comenta Valério que havia perdido a cabeça, porque o seu amigo estava mesmo empenhado em morrer, pois havia falado com ele e tinha sido repellido. Tinha até mesmo mandado pessoas falarem com esse amigo desgraçado e, quando ele não as ouvia, dizia que uma besta má o havia devorado, recordando aqui, a propósito do assunto, as palavras de Gênesis 37: 33.

Assim contextualizando o motivo que o havia levado a escrever a sua *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat*, diz Walter Map que, para preencher todas as boas tentativas de amizade, havia escrito e enviado uma carta de dissuasão ao

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

infortunado amigo para não tomar uma esposa, na qual havia alterado os nomes, dando a si mesmo o de Valerius e a ele, o seu amigo, (João, um ruivo [Lat. *Rufus*]) o de Ruffinus, dizendo ainda que havia intitulado a carta como “carta de Valerius to Ruffinus, o filósofo, contra o casamento” (MAP, 1983, pp. 287-313).³

Dessa maneira se explicando, Walter Map, na voz do seu *alter ego* Valério começa a sua carta propriamente dita, evidenciando já desde o seu princípio uma deleitosa disposição do narrador para um jogo de ambivalências retóricas. Esse estilo repleto de dubiedades apresenta-se baseado no emprego de uma espécie de metaforização alusiva que denota, já desde o início da escrita da carta, um tom enredado em virtude da sua preferência por uma linguagem cheia de conceitualismos que, ao que tudo indica, revela um escritor empenhado em garantir a qualidade clássica das veleidades literárias e do aprimoramento estilístico.

Dessa forma, diz que está proibido de falar, mas que não pode se manter em silêncio, pronunciando esse que se torna num verdadeiro mote que vai ser glosado retoricamente em grande parte da sua carta. Naquele aludido tom conceitualista e alusivo, Valério diz que odeia as gruas, a voz da coruja noturna, a coruja que dá guinchos e os outros pássaros que tristemente predizem com os seus lamentos a tristeza do feio inverno, enquanto que Rufino goza as profecias do desastre que certamente acontecerá se ele continuar como está. E, arrematando essa reflexão figurada de fundo paradoxal, diz ironicamente que é por isso que ele, Valério, está proibido de falar, porque para Rufino a desgraça é um gozo e ele, Valério, não é um profeta não do prazer mas da verdade e que por isso não pode deixar de falar.

Continuando nessa comparação antitética entre o que deve ser apreciado por ser verdadeiro e o que deve ser rejeitado por ser destruidor, diz Valério que ama o rouxinol e o melro, porque com as suas melodias macias eles anunciam a alegria da brisa delicada e, acima de tudo ama a andorinha, que preenche a estação de uma desejada alegria com a sua completude de deleites. Ao contrário desses elementos característicos de um *locus amoenus*, Valério diz que Rufino tem parasitas e acompanhantes com as suas doces bajulações e, acima de tudo, tem Circe que despeja sobre ele falsas alegrias porque, embora cheias de deleite docemente aromatizados, acabam enganando. E é por isso que o mote eu não posso falar mas

³ Todas as referências à The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage, no decorrer deste artigo, encontram-se compreendidas entre as páginas citadas.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

eu não posso deixar de falar, que serve à construção retórica do discurso de Valério, nesse caso da referência à falsa Circe, é usado para que Rufino, diz Valério, não se transforme em um porco ou em um asno, lembrando aqui a presença desse mesmo motivo da metamorfose em Marbod de Rennes (1844-1890, ls. 1-15).

Valério, continuando o seu discurso de reprimendas figuradamente alusivas contra uma atitude tomada por Rufino – que de início apenas se qualifica como acompanhada de situações malsãs até se definir como o acontecimento de um fato, isto é, o de Rufino ter decidido tomar para si uma esposa –, diz, com recorrência ao que comenta Provérbios 23: 31, que o servo de Babel havia despejado sobre ele um veneno adocicado que age rapidamente e que deleita e desencaminha o espírito. Portanto, ironicamente diz que está proibido de falar sobre isso porque é uma coisa deleitosa. Entretanto, continuando na sua exposição retórica do assunto, que irá mais adiante identificar o glosado *topos* da paradoxal alusão do prazer amoroso enquanto suave veneno, bastante aproveitado no ideário da literatura misógina, diz que sabe que esse veneno deleitoso finalmente pica como uma serpente e que ele dará uma ferida que não admite nenhum antídoto. Portanto, devido a isso e, a bem da verdade, diz que não pode se manter calado.

Continuando no jogo retórico do poder e não poder falar sobre o que acontece com o seu amigo Rufino, Valério diz que ele conta com muitas pessoas para persuadi-lo ao prazer e ao perigo, enquanto que ele é apenas um que diz aos tropeços uma amarga verdade que faz o seu amigo até vomitar e que, por causa disso, ele está proibido de falar. A fim de ilustrar de forma alegórica essa sua fala criticada por desagradar, Valério lembra o conhecido episódio dos gansos do capitólio de Roma, dizendo que a voz deles é criticada entre os cisnes que são treinados somente para agradar, mas ela mostrou aos senadores como salvar a cidade do fogo, as casas de tesouro do saque e a eles mesmos das flechas dos seus inimigos, aludindo, portanto, àqueles gansos da lenda que salvaram Roma de um ataque dos gauleses. E completa com a prédica moralizante dizendo que talvez Rufino também concordará com os senadores, porque ele não é nenhum tolo, que os cisnes cantam a morte e os gansos guincham a salvação. E remata que, por isso, ele não pode calar, porque a sua voz, como a dos gansos desagrada mas salva do perigo.

Aproveitando ainda a imagem do cisne do exemplo anterior, Valério diz a Rufino que ele está todo afogueado com desejo e seduzido pela nobreza da bela cabeça do cisne, não

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

percebendo que quem na verdade está a buscar é a Quimera, também lembrada por Marbod de Rennes, no seu *De meretrice*, a propósito da enganosamente danosa sedução da figura da mulher (1844-1890, ls. 45-56). Nesse sentido, diz que Rufino se recusa a reconhecer que o monstro de três formas é agraciado com a face de um nobre leão, é manchado pela barriga de uma cabra fedorenta e é armado com a cauda de uma venenosa serpente.

A partir desse momento da sua *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat*, Valério começa a discorrer sobre uma notável lista de conhecidos exemplos masculinos e femininos que, na mitologia e na história antiga, interagiram com o conhecimento e o trato amoroso, colhendo lições a serem seguidas ou evitadas, conforme os seus sucessos ou fracassos na luta para saírem íntegros da experiência que tiveram com as paixões do amor.

Começa essa lista lembrando, a exemplo do que faz Marbod de Rennes na passagem acima referida, a lendária figura de Ulisses, que foi provocado pelo harmonioso canto das Sereias, mas, porque ele conhecia muito bem os efeitos da melodiosa voz dessas fascinantes criaturas, assim como os das poções de Circe, ele se refreou a si mesmo com as correntes da virtude, a fim de evitar sucumbir-se na voragem. Moralizando a referência a essas célebres criaturas, dignas de frequentes e antológicas denegações que a tradição misógina faz do inato espírito de destruição da imagem do feminino, diz Valério confiar em Deus e esperar que Rufino possa imitar Ulisses, não Empédocles, que foi vencido por sua filosofia, ou melhor, por sua melancolia, escolhendo o Etna como sua sepultura, conforme pode ser lido nas *Metamorphoses* [Metamorfoses], de Ovídio (OVID, 2008, XIV) e na *Ars poetica* [Arte poética], de Horácio (HORACE, 1928 pp. 465-466). Por causa da força moralizante dessa parábola, diz Valério que espera que Rufino aprenda algo e que é por isso que ele não pode ficar calado.

Entretanto, essa empresa de convencimento é reconhecida por Valério como de difícil resultado, porque diz, ainda se recorrendo à imagem da paixão amorosa como um afogamento, que a chama dessa paixão que toma Rufino, pela qual a pior escolha o agrada, é mais forte do que a chama que o arrasta a ele, seu amigo Valério. Portanto, a fim de que a maior chama não arraste a menor para ela, e ele próprio, Valério, perigue, diz que está proibido de falar, arrazoando que se deixe que as duas chamas sejam pesadas em qualquer balança, e que Rufino tome a sua decisão, qualquer que seja ela, mesmo a contragosto de

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

Valério e, sendo assim, pede desculpa a seu amigo porque, devido à impaciência do amor que ele tem por ele, não o deixará manter-se em silêncio.

A seguir, nas suas admoestações contra a decisão do amigo de tomar para si uma esposa, Valério se recorre à *auctoritas* do mais primordial ensinamento bíblico acerca do caráter negativo da mulher, bastante importante para o ideário judaico-cristão misógino, qual seja, a irreverência da primeira esposa genésica. Tecendo o seu argumento acerca desse defeito original da mulher, Valério diz que, depois da primeira criação do homem, a primeira esposa do primeiro Adão saciou a primeira fome, primeiro por meio do pecado, contra o mandamento de Deus. O pecado foi, então, a cria da Desobediência, que nunca cessará antes do fim do mundo, continua a comentar Valério, de direcionar mulheres incansáveis a transmitir para o futuro o que elas aprenderam da sua mãe. Nesse ponto, Valério, caldeia, finalmente, para a figura da esposa tudo o que vinha anteriormente, de forma apenas alusiva e figurativa, compondo com imagens negativas para se referir ao feminino, revelando a identificação do seu discurso quanto ao seu claro propósito misógino e antimatrimonial. Dessa forma, predica, de forma mandatária e a exemplo dos inveterados misóginos, portando-se de uma arrogada atitude de *auctoritas* embasada nas provas e nos exemplos anteriores aludidos, dizendo ao seu amigo Rufino para se acautelar, porque uma esposa desobediente é uma desonra para um homem.

Nesse ponto da sua carta, Valério, para comentar acerca da iniquidade do amor feminino, introduz um *topos* bastante conhecido e corrente na literatura misógina. Trata-se do recorrente lugar-comum recordado, a exemplo de São Jerônimo, na sua *Epistola 22, ad Eustochium* [Carta 22, a Eustóquio], como o trio exemplar de homens decaídos e arrasados em virtude da traição do amor de uma mulher: Davi, Sansão e Solomão (JEROME, 1892, pp. 100-137). Procedendo ao seu arrazoado contra a falsidade amorosa feminina, diz Valério que devido ao fato de cada iniquidade ser rica de seguidores, em qualquer casa que ela entra, ela se revela por ser sujada por abuso. No caso da iniquidade de Betsabá, diz Valério a Rufino que, apesar de ela estar calada e não dizer nada de errado, ainda assim, por causa da sua simples imagem e aparição, ela se tornou na lança que causou a queda do seu marido perfeito, na seta da morte para o seu inocente esposo. E para moralizar o fato, Valério pergunta retoricamente se pode ser tida por inocente aquela que luta duplamente com eloquência e beleza, como a Dalila de Sansão e a Betsabá de Davi, quando a beleza dessa última triunfou

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

sozinha, mesmo sem a intenção de sedução. Essa atitude da não intencionalidade da conquista de Betsabá, aqui retomada por Walter Map, ainda assim não deixa de incriminar a mulher que seduz, constituindo um tema constantemente debatido na literatura misógina medieval, a exemplo do que sobre o assunto pode ser lido, entre outras fontes, em *The Ancrene Riwe* (1955, pt. II, pp. 23-25). Finalmente, depois de mencionar esses clássicos exemplos que reportam a traição amorosa da mulher, que atinge inclusive a homens divinamente inspirados, ironicamente observa Valério a Rufino que, se ele não está mais perto que Davi do coração de Deus, não tenha dúvida de que ele também pode cair.

A seguir, na sua carta, Valério passa para a moralização de Salomão, que foi posto a perder por causa dos seus amores carnavais. Refere-se a Salomão como sol dos homens, tesouro dos deleites de Deus, casa singular da sabedoria que, apesar de possuir todas essas excelsas virtudes, foi anuviado pela tinta da escuridão e perdeu a luz da sua alma, o perfume da sua glória e a glória da sua casa por causa da feitiçaria das mulheres. Finalmente, diz Valério, ele se curvou diante de Baal e, de sacerdote do Senhor que era, tornou-se num servo do demônio, tanto que ele pode ser visto como ter caído de um precipício mais alto do que o de Febo na queda de Faetonte, quando ele se tornou o pastor de Admeto ao invés do Apolo de Júpiter. Entretanto, nessa comparação de Salomão com o conhecido deus da mitologia pagã, Valério parece ter confundido a punição sofrida por Apolo (Febo) com a história da má condução do seu filho Faetonte da carruagem de Febo. Valério, nessa comparação da decadência que o trato amoroso com as mulheres pode trazer aos homens, mesmo ao mais sábio deles, adverte a Rufino abrir os olhos e estar alerta para o perigo que sempre as mulheres representam.

Isto porque, mesmo a melhor mulher encontrada, que é um caso mais raro do que a fênix, não pode ser de verdade amada sem o amargo do medo, a ansiedade e a frequente desgraça. Esse motivo da raridade de uma boa mulher é preciosamente decantado nos escritos misóginos com recorrência à mitologia e à literatura. Por exemplo, ele aparece em Teofrasto, tratado por São Jerônimo, no seu *Adversus Jovinianum* [Contra Joviniano] (JEROME, 1892, I. 47, pp. 779-907) como a imagem de um pássaro raro. Em Juvenal (1958), na sua famosa Sátira VI, na passagem dos versos 161-166 que fala sobre a raridade da existência de uma perfeita esposa, a boa mulher é um pássaro raro tal qual o cisne negro. A comparação de Valério de uma boa mulher à fênix sintoniza preciosamente essa ideia de raridade, uma vez

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

que essa legendária ave singular que se imolava a cada 500 anos para renascer depois das cinzas. A sugestão da imagem adquire tal impressão que décadas depois é imitada por Jean de Meun (c. 1240-c. 1305) no *Le Roman de la Rose* [O romance da Rosa], em que a singularidade de corvos brancos é adicionada (1914-1924, ls. 8687 e segs).

Entretanto, se as mulheres boas são raras, por outro lado, as más fervilham tão abundantemente que nenhum lugar está livre da sua maldade. Ferream agudamente mesmo quando elas são amadas, dedicam o seu tempo para atormentar o homem, até que o corpo dele se torne separado da sua alma. Para essa triste realidade misógina, Valério, na sua usual maneira predicativa de conselhos dados após exemplos citados, diz para Rufino que existe um ditado pagão que recomenda tomar cuidado com quem você dá, mas que, segundo ele, Valério, o mais apropriado conselho nesse caso teria que ser corrigido para tomar cuidado com quem você se entrega.

Seguindo essa linha de reflexão acerca da existência de muito poucas mulheres boas em comparação com a infinidade de mulheres más que povoam todas as partes, Valério cita os casos das dignamente memoráveis Lucrecia, Penélope e as mulheres sabinas que, todas elas, carregaram a bandeira da castidade e que, apesar de fazerem pouco séquito, auferiram os seus prêmios de boa conduta e de bom comportamento de caráter. Entretanto, diz o misoginamente descrente Valério que não existem agora mais Lucrecias, nem Penélopes, nem sabinas. As mulheres da sua época são outras, portanto, diz Valério a Rufino para ele tomar cuidado com todas elas.

Antípodas e contrafrásicas, arrumadas contra as categorias das mulheres sabinas estão Scilla, filha de Niso, e Mirra, filha de Cícaras, e atrás delas vêm muitas multidões de mulheres com todos os seus vícios, reunidas em um exército e preparadas para trazer olhadas, gemidos e finalmente o inferno aos seus cativos. Adverte Valério a Rufino que, para ele não cair prisioneiro dessas impiedosas predadoras, ele não deve dormir no caminho delas, por onde elas passam.

A seguir, mesclando alternativamente exemplos de heróis e de homens nobres da mitologia e da história antiga, que tiveram desastrosas experiências com mulheres de má índole, com não menos notáveis exemplos de mulheres vilãs e desnobilitadas por seu censurável procedimento moral e mau caráter e que arrasaram as vidas dos seus maridos e amantes, Valério faz uma lista desses casos, começando, com visível intenção simbólica e

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

ideológica, com o próprio pai dos deuses, Júpiter, que foi rei da terra, e foi também chamado rei do céu, por causa da sua singular força do corpo e incomparável refinamento da sua mente. Mesmo assim, ele foi compelido a correr atrás de Europa berrando como um boi, conforme pode ser lido nas *Metamorphoses*, de Ovídio (OVID, 2008, VI, p. 103). Sobre essa sofrível lição extraída do exemplo de Júpiter, Valério diz a seu amigo para ele notar que mesmo aquele, cuja virtude o elevou acima do céu, foi rebaixado ao nível das bestas por uma mulher. E, se uma mulher fez assim ao magno deus, diz Valério a Rufino, ela também o levará abaixo, se ele não for mais forte do que Júpiter, cuja força não tinha igual.

O caso comentado a seguir por Valério é o de Febo que, por ser o primeiro a circular o mundo inteiro com os raios da sua sabedoria, só então mereceu a glória do nome Sol. Entretanto, o brilhante rei-sol, por ter ficado enlouquecido de amor por Leucoteia, trazendo vergonha para si mesmo e morte para ela, por um longo tempo ele sofreu um eclipse, foi mudado, e frequentemente perdia seu brilho, do qual o mundo inteiro precisava, conforme pode ser lido nas *Metamorphoses*, de Ovídio (OVID, 2008, IV, 190). Sobre essa lenda moraliza metaforicamente Valério dizendo a Rufino para evitar Leucoteia para que a sua luz interior não se transforme em escuridão.

A seguir, na lista de exemplos de valorosas figuras masculinas que comprometeram a sua integridade por indulgência ao amor venéreo, Valério cita Marte que diz ter ganho o título de deus dos guerreiros por causa da sua bem conhecida frequência de triunfos, os quais ele ganhou devido à sua rapidez e ao seu vigor. Entretanto, quando ele menos esperava, foi ligado de paixão a Vênus por Vulcano. As correntes eram invisíveis, mas ele ainda podia senti-las. Esse acontecimento ganhou o aplauso de satiristas e a gozação da corte do céu, conforme por ser conferido nas *Metamorphoses*, de Ovídio (OVID, 2008, IV, p. 171).

Aproveitando a imagística poética do relato da união amorosa de Marte e Vênus, Valério, ao gosto das veleidades literárias que tenta imprimir à escrita da sua carta a Rufino, diz-lhe, seguindo o usual esquema moralizante que encerra os seus exemplos de casos desastrosos de amor, para pelo menos pensar nas correntes que ele não vê, mas já parcialmente sente. Concita Rufino a libertar-se enquanto as correntes podem ainda ser quebradas, a fim de que aquele coxo e feio ferreiro, indigno de compartilhar a mesa de um deus ou a cama de uma deusa, como é o seu hábito, não o prenda à sua Vênus e o faça feio e

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

coxo como ele ou, o que é pior, deformado. Nesse sentido, lembrando Deuteronômio 14: 6, assim transformado, diz Valério que Rufino não seria capaz de adquirir nem mesmo um casco fendido para o limpar, porque ligado a Vênus ele seria um objeto de tristeza e de gozação para aqueles que o vissem.

A seguir, lembrando o caso de Páris, aquele falso juiz de deusas que rejeitou Palas porque ela prometeu lucro ao invés de prazer, pergunta Valério se Rufino faria uma decisão semelhante. Lembra aqui Valério o célebre episódio do julgamento de Páris acerca da maior das deusas do Olimpo. Páris decidiu em favor de Vênus quando ela lhe ofereceu uma bela esposa, votando contra Minerva que lhe ofereceu sucesso na guerra e contra Juno que lhe ofereceu grandeza.

Nesse ponto da menção moralizante que Valério faz a Rufino ao lembrar os casos clássicos de desastres do amor provocados por uma mulher, diz o misógino amigo conselheiro que o seu aconselhado já tem a sua mente enfastiada e que ela está a escorregar sobre o que ele lê tão rapidamente quanto possível, possivelmente não prestando atenção às moralizações, mas procurando impressionar-se com finas figuras de linguagem. Valério, deixando-se levar por suas veleidades literárias, metaforiza os seus duros conselhos com a imagem de uma barrenta corrente que diz Rufino estar esperando a passar. Diz que ele espera o barro ser separado, a fim de que águas apareçam. Entretanto, completa Valério que, assim procedendo, Rufino está a esperar em vão, porque correntes devem combinar as suas fontes, sejam barrentas ou limpas.

Na sequência dessas tomadas retóricas e estilísticas, Valério, utilizando-se do *topos* da fórmula da *humilitas*, assim como o fizera anteriormente com o uso do da *auctoritas*, confessa, entretanto com a impressão de certa insinceridade de modéstia, que a sua falha maneira de expressão reflete a inexperiência do meu coração; que os desníveis irregulares das suas palavras ofendem uma mente bem formada. Diz que, embora estando completamente consciente dessa sua lacuna de polidez, ele teria alegremente desistido dessa sua dissuasão, mas, porque não pode se manter calado, ele diz ter falado com a melhor das suas habilidades. Defendendo, então, estar a escrever a sua carta a Rufino precipuamente por interesse no assunto, diz que se ele tivesse tanta elegância de estilo quanto tem de entusiasmo pelo tópico, estaria enviando a ele palavras elegantes, unidas em tão nobre união que tanto separadamente quanto juntas elas seriam vistas trazerem uma benção ao seu autor.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

Mas, continua Valério, justificando a sua inadequação estilística, pedindo a Rufino que, uma vez que este lhe deve o que quer que seja que o seu amor de amigo possa merecer (que apesar de seco e improdutivo, ainda assim espera não ser infértil), lhe dê ouvido até ele desdobrar o que havia empacotado. Nesse sentido, pede Valério a Rufino para ele não lhe perguntar pelo purpúreo ou branco de um orador que ele, Valério, tristemente admite não saber, mas para aceitar a boa vontade do escritor e a verdade do que está escrito.

A propósito dessa tomada de humildade de Valério, novamente ele se recorre ao seu usual recurso parabólico e conta que, no dia em que o cruel Atropos ousou cortar o seu nobre fio, Júlio César, que devido à sua grandeza o mundo era tão estreito, humildemente emprestou o seu ouvido, na porta do Capitólio, a Tongilio, que era humilde mas divino, enquanto ele previa as adagas. De forma sentenciosa, Valério discorrendo sobre o assunto, e dizendo que se César tivesse prestado atenção, aqueles a quem ele pagou a pena a teriam paga a ele, se volta para o caso de Rufino dizendo que, quando ele, Valério, prevê as adagas que esperam por Rufino, ele lhe dá ouvidos como a serpente aos envenenadores. Nesse mesmo tom sentencioso, agora de ladainha censória, Valério diz que Rufino presta atenção como o javali a presta a cachorros latindo; que Rufino está tão contente quanto a cobra que se esconde do sol de verão; que Rufino vai atrás dos seus próprios interesses como uma desdenhada Medeia; que Rufino tem tanta piedade dele mesmo quanto o mar tem dos marinheiros náufragos; que Rufino somente refreia as suas mãos por respeito à paz do rei.

Depois de fazer uma apologia da humildade em referência a si mesmo, Valério retorna ao caso da incompleta humildade de César, dizendo a Rufino que o conquistador do mundo se humilhou ao seu leal conselheiro, apesar de não o fazer completamente, porque ele quase retirou o seu pé e quase obedeceu. Diz Valério que César sucumbiu à pena porque ele não obedeceu completamente e que a sua grande humildade não lhe adiantou porque ela não foi completa. Depois dessa verdadeira prédica ao estilo do tradicional *exemplum* medieval, pergunta Valério a Rufino, em tom de censura mais acerba, o que essa selvagem desumanidade, essa inflexível teimosia, essa desdenhosa arrogância fará para ele que, de sua livre vontade, corre desarmado aos ataques dos ladrões. Pede, entretanto, o favor de Rufino se humilhar como César, que humilhou o mundo, se humilhou, e ouça o seu amigo, e pede a Rufino, se ele pensa que César estava equivocado em não ouvir o conselho, que ouça e tome nota do que aconteceu a outros, para que os infortúnios deles possam beneficiá-lo. Assevera

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

Valério que uma repreensão amparada por exemplos não faz mal. Por fim, confessa não saber em que refúgio Rufino está protegido ou em que santuário ele se encontra ocioso e, comentando que, se César achou os impiedosos serem traidores e não voltou atrás, pergunta a Rufino se, por ventura tendo ele escapado dessa escola, ele encontrou o piedoso ser sem piedade.

Retomando a sequência de nobres exemplos vítimas do matrimônio, Valério cita o caso do rei Foroneu, que alegremente publicou leis para o povo e primeiro enfeitou a cultura grega com elas. Entretanto, no dia em que ele revelou toda a verdade da sua vida, ele disse ao seu irmão Leôncio que jamais teria perdido o mais alto cume da boa fortuna se ele não tivesse nunca tido uma esposa. Ao que Leôncio, perguntando como é que uma esposa o havia impedido, ele respondeu que todos os homens casados sabiam. A propósito desse exemplo, Valério finalmente deixa claro na sua carta que o seu amigo Rufino era na verdade um homem casado, porque ele diz que queria que o seu amigo tivesse experimentado o casamento, mas não fosse agora casado, para que ele pudesse saber que empecilho o casamento é para a felicidade.

A seguir, Valério, recordando *De senectude* [Sobre a velhice], de Cícero (CICERO, 2011, p. 47), menciona o caso do imperador Valêncio que, com oitenta anos de idade e ainda virgem, quando no dia da sua morte ouviu os louvores dos seus triunfos recontados, que os havia tido muitos, disse que ele estava somente orgulhoso de uma vitória que revelou ser a conquista do seu pior inimigo, isto é, a sua própria carne. Moralizando a respeito do exemplo, diz Valério a seu amigo que este imperador teria deixado o mundo sem glória, se ele não tivesse corajosamente resistido àquilo com que ele, Rufino, tinha feito um pacto agora.

Seguindo na lista que tinha em mente de homens ilustres que se precaveram contra o casamento ou se arrependeram de terem casado, Valério menciona que, depois do seu divórcio com Terência, Cícero não casaria novamente, porque dizia que era impossível alguém dar atenção a uma esposa e à filosofia ao mesmo tempo, conforme pode ser lido em São Jerônimo, no seu *Adversus Jovinianum* (JEROME, 1892, I. 48, pp. 779-907). Sobre essa lição ciceroniana, Valério diz a Rufino que desejaria que a mente dele lhe desse essa resposta, ou que a língua dele respondesse para ele, Valério. Pede, todavia, que, de qualquer modo,

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

Rufino se digne em imitar o mestre da eloquência ao menos falando, para dar a ele, Valério, alguma esperança, mesmo se ela for vã.

A seguir, Valério, a fim de evitar a responsabilidade contraída pelo matrimônio cita, com certo arrazoamento de reflexões a que não falta um elaborado cinismo, pois recomenda os bons proveitos de uma vida licenciosa, o caso de Canio de Cadiz, um poeta iluminado e de agradável inteligência que foi censurado pelo historiador Lívio da Fenícia, um sombrio marido dominado, por ter desfrutado os amores de muitas mulheres, com a observação de que ele não podia compartilhar com a filosofia quando ele próprio estava sendo solicitado por muitos amores femininos. Completa essa opinião com a referência ao exemplo de Tityos, que não pode amar Juno com um fígado despedaçado por abutres. Apesar de ser sabido que o castigo de Tityos por tentar estupro, embora não de Juno, foi ter abutres a rasgar o seu fígado perpetuamente, Walter Map parece ter inventado essa conversação a que Valério se refere. Canio, entretanto, comenta Valério, responde a Lívio com um arrazoado cínico que, quando deslizava, ele se apurava mais cauteloso e que quando ele era derrubado um pouco, buscava por fôlego mais rapidamente.

Disse ainda Canio, com invocada veleidade poética ressoante da própria disposição de espírito de Valério sobre o assunto, que as alterações das suas noites faziam os seus dias mais felizes, que a perpetuidade da escuridão é como o inferno, que os primeiros lírios do sol da primavera se espalham com uma alegria mais efusiva se eles desfrutam de ventos ao mesmo tempo do sudoeste e do sudeste, mais do que aqueles que são soprados por uma única rajada do ardente vento do sul, que Marte quebrou as suas correntes e se senta no banquete celeste, do qual o marido dominado Vulcano é excluído, amarrado por sua própria corda, que muitos fios prendem menos firmemente do que uma só corrente. Completa o seu arrazoado entre hedonista e epicurista dizendo que da filosofia obtém prazer, enquanto que o seu interlocutor a ela vai para alívio.

Depois desse extenso comentário a respeito da sobriedade da vida de casado e das alegrias da vida livre para vários amores, Valério diz que aprova as palavras tanto de Lívio quanto de Canio, mas que não aprova a vida de nenhum deles. Entretanto, não deixa de concluir de forma aparentemente razoável, mas sobretudo comprometido com a postura misógina que caracteriza a sua postura antimatrimonial, que é verdade que muitas doenças,

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

que continuamente interrompem a saúde, fazem menos dano do que uma única doença que continuamente aflige alguém com incurável enfermidade.

Narra a seguir Valério a jocosa anedota de humor negro, também contada em *The Wife of Bath* [A esposa de Bath], de Geoffrey Chaucer (CHAUCER, 1985, v. 757-764), mas que procede originalmente de *De oratoria* [Sobre a oratória], de Cícero (CICERO, 1875, II. 69), acontecida a Pacúvio que havia dito ao seu vizinho Arrio que tinha em seu jardim uma árvore infeliz. Isto porque a sua primeira esposa havia se enforcado nela, também a segunda e depois a terceira. Diante desses acontecimentos inéditos, diz Valério que Arrio respondeu dizendo estar surpreso de Pacúvio achar-se capaz de chorar em todas essas ocasiões, porque era para ele agradecer a Deus por aquela árvore ter-lhe evitado tantos sofrimentos. Então, por fim, de forma cínica pediu Arrio a Pacúvio que ele lhe deixasse ter alguns brotos daquela árvore para plantar para ele, ao que Pacúvio disse ao amigo que tinha medo de que ele tivesse que implorar por brotos daquela árvore quando ele não fosse capaz de achar nenhum.

Valério comenta sucintamente a seguir sobre Suplício, que tinha se divorciado de uma nobre e casta esposa porque sabia onde o seu próprio sapato o beliscava no pé, o que também pode ser lido em *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo (JEROME, 1892, I. 48, pp. 779-907). O conselho moral que Valério dá a seu amigo acerca desse exemplo é que ele devia tomar muito cuidado para que ele não tenha um sapato que belisca e que não pode tirá-lo do pé.

A seguir, nesse seu extenso arrazoado exemplar sobre as inconveniências de se contrair o matrimônio, Valério cita Cato de Utiga que disse, com base em um pseudo-sermão agostiniano, que, se o mundo pudesse existir sem mulher, a companhia dos homens não seria diferente daquela dos deuses. Valério complementa o comentário dizendo a Rufino que Cato não disse nada que ele não tivesse experimentado e conhecido. Isto porque, continua ele, nenhum desses homens que atacam os defeitos das mulheres assim o fazem sem terem eles mesmos sido enganados, sendo eles, portanto, completamente experientes e alertas. Admoesta Rufino que ele devia acreditar neles, porque eles dizem a verdade, porque sabem que o amor agrada, mas esfaqueia o amado, e também sabem que a flor de Vênus é uma rosa e que debaixo da sua viva cor estão escondidos muitos espinhos traiçoeiros.

A seguir, na sua lista incriminadora dos defeitos das mulheres especialmente comprometedoras dos homens quando nubentes, Valério comenta que Metelo não haveria de

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

se casar com a filha de Mário, embora ela fosse rica em dote, bonita para olhar, famosa de nascimento e de boa reputação, porque ele próprio dissera que preferia ser dele mesmo do que dela. Ao que Mário disse que ela seria dele, Metelo, o qual retorquiu, com inteligente teor de saber filosófico, que um homem devia ser de uma mulher, porque é um ponto de lógica que os predicados sejam somente o que o sujeito permite. Então, diz Valério, com uma brincadeira Metelo tirou um peso das suas costas. Depois desse caso exemplar, Valério adverte a Rufino que, mesmo que seja apropriado tomar uma esposa, isso não é conveniente. A seguir, Valério lista a seguinte série de condições, quase utópicas, que, se verificadas, o marido pode ser de certa forma um predicado da esposa que, desse modo, não terá raiva dela: ser amor, e não amor cego, que esteja em questão, não renda; ser ele possível de escolher beleza, não roupas, e a cabeça dela, não o seu ouro; ser a noiva uma esposa, não um dote.

No que se segue na carta a Rufino, dissuadindo-o através de várias estratégias retóricas do casamento, Valério, a exemplo do que anteriormente havia feito mencionando as mulheres más da tradição bíblica, faz agora uma lista das mulheres do conhecimento da história, todas elas igualmente desastrosas para os seus pretendentes e consortes. Começa essa lista fatídica com a menção de Laís de Corinto, uma renomada beldade que apenas se dignava em aceitar os abraços de reis e de príncipes famosos. Entretanto, para aumentar ainda mais a notoriedade da sua sedução, tentou compartilhar a cama do filósofo Demóstenes, para que pudesse parecer poderosa quebrando a notória castidade dele, dando vaidosamente a entender que até mesmo as pedras se moviam por sua beleza, tal como fazia Anfão com a sua lira. Valério continua a sua narrativa de Laís dizendo que a terrível sedutora, tendo atacado Demóstenes com as suas lisonjas, brincou com ele prazerosamente, mas que, quando ele foi seduzido para a cama dela, ela lhe pediu cem talentos pelo privilégio dos seus talentos amorosos. Entretanto, tal como relatou esse caso Aulo Gélcio, Demóstenes olhou para o céu e, maximamente irônico, disse que não pagava essa quantia para se arrepender. Depois dessa misógina tirada filosófica, Valério moraliza a Rufino dizendo desejar ao amigo que ele pudesse ao menos levantar a sua atenção para o céu e evitar aquilo que somente pode ser redimido por arrependimento.

A seguir, comenta sobre os casos criminosos de Lívia, que matou o seu marido que ela grandemente odiava e de Lucília, que igualmente matou o dela, mas porque o amava em excesso. Embora se saiba que Lívia foi cúmplice no envenenamento do seu marido Druso,

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

filho do imperador Tibério, de Lucília nada é conhecido, parecendo ser uma invenção do autor da carta. Valério relata que Livia intencionalmente misturou veneno, enquanto Lucília foi enganada e despejou loucura como um copo de amor. Sobre esses episódios exemplificadores da desregrada passionalidade feminina, moraliza Valério dizendo a Rufino que essas mulheres atacaram com intenções opostas, mas as duas acabaram por manifestar o maligno lado feminino.

Continua Valério na sua filosofia misógina dizendo que as mulheres andam por caminhos variados e diversos, mas, quaisquer que sejam os caminhos por onde elas passam, quaisquer que sejam as direções que elas tomam, existe um único fim, um ponto final das suas rotas, um ponto central de acordo em todas as suas maneiras, a saber, o engano das mulheres. Valério pede a Rufino que tome esses dois exemplos dessas duas mulheres mencionadas como evidência de que a mulher, embora ame ou odeie, é sempre atrevida em tudo, engenhosa quando ela quer fazer dano, o que é sempre, e quando ela tenta ajudar, ela frequentemente atrapalha, e assim acaba fazendo mal sem intenção. Terminando essa prédica irretocável do ponto de vista misógino acerca do incorrigível disparate do sentimento feminino, diz Valério ao seu amigo Rufino ele está na fornalha do amor feminino e que se ele for de ouro, ele ficará delgado por desgaste.

A seguir, na linha dessa ideia do sentimento amoroso como trazendo já dentro de si próprio, no seu âmago, o germe da destruição e da morte, Valério cita, de forma elaboradamente poética, a tragédia cometida por Dejanira, que vestiu Hércules numa camisa fatal e trouxe vingança contra o martelo dos monstros com o sangue de um monstro. Valério aborda aqui outro exemplo das várias nuances que a realidade do amor contraditoriamente assume, sempre com o descalabro sendo de responsabilidade da mulher, do seu desarrazoado pensamento e da sua irracional vontade.

Assim, diz Valério ironicamente que o que Dejanira tinha planejado trazer em termos de felicidade resultou em lágrimas amargas, pois ela sabia e tinha visto que o centauro Nesso tinha sido penetrado pelas flechas envenenadas de Hércules. Entretanto, ela confiou no que o Nesso traiçoeiramente lhe disse sobre o inventado poder afrodisíaco do seu sangue e tentou com ele gananciosamente manter a paixão erótica de Hércules e, por sua conta e risco, obedecendo apenas à sua intemperança passional feminina, envolveu na morte o homem que ela envolveu na veste que lhe preparou. É sabido que o centauro Nesso, morrendo depois que

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

Hércules o feriu por ter ele tentado estuprar a sua esposa Dejanira, contou a ela que o seu sangue podia agir como uma poção de amor, mas o sangue estava envenenado com a flecha de Hércules e, quando mais tarde ela enviou a Hércules sua veste aspergida com esse sangue, a roupa grudou na sua carne, torturando-o. Depois disso, Hércules acaba os seus dias na terra ardendo numa pira funerária, o que pode ser conferido nas *Metamorphoses*, de Ovídio (OVID, 2008, IX, 99).

Sobre essa tocante narrativa mitológica moraliza Valério, de forma misoginamente condenatória, a venalidade do amor feminino, dizendo que uma mulher doente e de espírito revoltado, com a sua vontade constantemente destemperada, pensa que o que ela deseja é o mais importante, não o que é conveniente. Como ela deseja acima de tudo o seu agrado e o seu próprio deleite, ela está determinada a colocar o seu prazer na frente de tudo. Por fim, ironiza Valério com a seguinte reflexão moral que considera a mulher como o maior desafio fatal ao homem, dizendo que Hércules realizou doze trabalhos super-humanos, mas no décimo terceiro, que ultrapassou toda a desumanidade, ele foi consumido. Então, o mais valente dos homens estava morto para ser lamentado justamente como ele lamentou-se a si mesmo, ele que tinha segurado em seus ombros o giro do mundo sem um gemido.

Finalmente, pergunta Valério qual é a mulher, entre tantos milhares de milhares de mulheres, que jamais entristeceu o esforçado e consistente pretendente por meio de uma permanente recusa, e qual é a mulher que jamais invariavelmente barrou as palavras de um cortejador. A resposta dela sempre vem a seu favor, e embora dura ela possa ser, ela sempre terá escondido em suas palavras alguma sugestão de encorajamento de apelo por parte do seu pretendente. Continuando Valério nesse arrazoado acerca do jogo feminino em dificultar e, ao mesmo tempo, dar esperança de o pretendente ser aceito, diz que qualquer mulher pode dizer não, mas nenhuma diz não para sempre. A esse respeito, lembrando a asserção de Ovídio de que as mulheres são todas finalmente seduzíveis, é dada como exemplo disso a alusão de Dânae na *Ars amatoria*, em que é dito que o ouro derrubou as defesas da torre de Acrísio e violou a castidade de Dânae, embora ela estivesse protegida por um complicado baluarte (OVID, 1982, III. 618-652). Em referência a Zeus em forma de chuva de ouro que engravidou Dânae, diz Valério a seu amigo Rufino que essa foi a forma como um devasso choveu do céu sobre uma donzela que tinha triunfado sobre a terra, completando que é desse modo que alguém de nível superior domina uma mulher que um pretendente de nível inferior não pode

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

enganar. E metaforiza a alusão dizendo que o feroz vento do norte desenraiza a árvore que está firme contra a gentil brisa do oeste.

Ainda em referência a esse tema da mulher considerada vulnerável pelo assédio de poderosos, Valério exercita as suas reflexões retóricas misóginas acerca da natural propensão dela à venalidade desejada ou mesmo imposta, querendo com isso dar a entender que a natureza feminina, de uma forma ou de outra, está fadada à corrupção e, devido a isso, o homem deve se acautelar em não tomar uma mulher por esposa. Dessa forma, refere-se a Perictione, uma virgem madura e de firme reputação por sua castidade, que foi finalmente vencida pelo fantasma de Apolo, dando à luz um filho, Platão, conforme também alude ao fato São Jerônimo no seu *Adversus Jovinianum* (JEROME, 1892, I. 42, pp. 779-907). Valério moraliza sobre o caso dizendo a Rufino notar como a vigilância preservou-a intacta, mas uma ilusão em um sonho a deflorou, de forma que se pode ver, de forma análoga, que toda roseira é privada da sua glória carmesim por algum vendaval. Entretanto, tudo terminou bem, se é que alguma coisa como essa pode resultar em um bem, uma vez que Platão seguiu a seu pai na sabedoria e, assim, herdou o mistério e o majestoso nome dele.

A seguir, dirigindo-se ao seu amigo Rufino, Valério afirma poder ele estar surpreso e indignado porque em seus exemplos ele sugere casos pagãos como modelos para Rufino imitar, idólatras para ele que é um cristão, raposas para um cordeiro, homens maus para ele que é bom. A razão disso Valério explica que é devido ele querer que Rufino seja como a exemplar abelha que colhe mel da urtiga, extrai mel da pedra e óleo da mais dura rocha. Valério diz reconhecer que as histórias pagãs são supersticiosas, mas justifica que em cada criação de Deus provê algum modelo de bom comportamento, pois o próprio Deus é nomeado leão, verme e carneiro. Aqueles, a quem falta a fé fazem muitas coisas erradamente, mas algumas coisas, embora de não mérito em si mesmas, podem produzir abundante fruto entre os homens. Mas se eles, os pagãos, que não tinham esperança, fé, caridade e um pregador, e nós, diz Valério, que somos asnos, porcos ou animais selvagens desde que com alguma falta de humanidade, por qual mérito de fé, caridade e esperança seremos considerados válidos, quando nós vemos profetas, apóstolos e especialmente o nosso grande Senhor, que somente pode ser visto por aqueles com corações puros, pergunta Valério.

Ou, se os pagãos, com entusiasmo por suas artes, desgastaram-se com muitas lutas, com nenhuma visão do futuro bem-aventurado, mas somente para evitar a ignorância, o

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

que deverá acontecer a nós se negligenciarmos a página divina que está direcionada à verdade, que é iluminação, uma lâmpada para os pés e uma lanterna para alumiar os caminhos, ainda pergunta Valério. Valério faz toda essa preleção de fundo moral religioso para concitar Rufino, que sendo cristão, deve tomar a página divina, lê-la e levá-la para o quarto dele, para que o Rei, isto é o Senhor, leve-o para dentro do Dele. E aqui Valério lembra a Rufino a promessa do noivado dele ser com a Escritura Sagrada, com as flores da primavera da sua vida. No seu verão, ela espera por ele para trazer uvas. Roga Valério a Rufino que ele não a fira tomando outra noiva, a fim de que, no tempo da colheita, as suas uvas não estejam de forma selvagem.

Continuando a mesclar as virtudes pagãs com as cristãs, desde que ambas sejam consideradas como exemplos de virtudes e de ensinamentos a demoverem Rufino da insensatez e do crasso erro contra todas as crenças que é o matrimônio, deseja Valério que Rufino seja o noivo de Palas, não de Vênus, isto é, da sabedoria, não do amor. Sendo assim, diz que Palas o adornará com finos colares e o vestirá em roupas de casamento e que o casamento será celebrado com Apolo como o seu padrinho. As canções matrimoniais serão ensinadas aos cedros do Líbano por Mercúrio, notando-se nessas alusões uma combinação de referências provindas do Cântico dos Cânticos 5: 15 e do poema *De nuptiis Philologiae et Mercurii* [Casamento da Filosofia com Mercúrio], datado do século V e de autoria de Marciano Capela (CAPELLA, 1977). Revela, entretanto, Valério que tem devotamente alimentado a esperança dessa desde muito tempo esperada celebração, mas com medo. Confessa também que essa celebração tem sido a proposta deste seu recital inteiro, que é a sua carta, e diz que, embora devagar, ela se apressará na sua finalidade, e que a firmeza da sua dissuasão, da qual Rufino sente as farpas de ferro aguçadas, tem sido dirigida a essa proposta.

A seguir, é apresentada a conclusão da precedente epístola naquele mesmo tratamento de estilo, que segue o modo alusivo, metafórico e figurativo de todo o texto. Desse modo, Valério compara a sua carta a Rufino a dissuadi-lo do casamento a uma cirurgia curativa, dizendo que a mão do cirurgião é dura, mas cicatrizante. Assim, diz Valério que também as suas palavras são duras, mas curativas e que espera que elas sejam tão úteis para Rufino do mesmo modo como elas são bem intencionadas. Rufino alega que Valério lhe está impondo um modo estrito de vida. Concorda Valério com isso, mas justifica que assim é devido o caminho que conduz à vida ser estreito, e devido não existir suave vereda para a

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

alegria completa. Diz que, na verdade, é através de lugares duros que sempre alegrias moderadas são obtidas. Exemplifica essa prédica com o caso de Jasão que aprendeu que para alcançar o velocino de ouro ele teria que passar através de um mar ainda não desbravado por remos e barcos, passar touros de bafo sulfúrico e uma vigilante serpente venenosa. Seguindo um plano que era saudável, ele foi, retornou e trouxe de volta o desejado tesouro. É sabido que o saudável plano, a que Valério se refere e que possibilitou Jasão ser bem sucedido, foi aquele de Medeia, que depois ele desprezou, custando-lhe muito esse seu ato.

Continua Valério predicando que o que ele urge que Rufino faça é então como o amargo absinto da verdade aceitado por uma humilde e bem disposta mente, é feito fértil por constante zelo e é levado à frutificação por útil perseverança. Então, a semente é semeada pelo vento sul, molhada de chuvas. Ela é fortalecida pelo vento norte que varre as ruas. É trazida à sua plenitude pelo vento oeste que produz as flores. Tão duros começos são recompensados por uma doce conclusão, e um caminho estreito conduz a amplos palácios, à terra da vida. Recomenda ainda a Rufino que, para dar apoio ao seu argumento vindo do testemunho de antigos escritores, deve ser lido o *Aureolus* [Livro de ouro], de Teofrasto e a *Medeia*, de Ovídio, em que pode ser achado que quase nada é impossível para uma mulher.

Despede-se finalmente Valério de Rufino desejando poder Deus todo-poderoso não deixá-lo ser enganado pelas trapaças de uma mulher toda-poderosa, realizando aqui uma construção estilística caracteristicamente feita por um jogo de palavras que pode ser melhor notado nas seguintes palavras do original da *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat*: “det tibi Deus omnipotens omnipotentis femine fallacia non falli” (MAP, 1983, pp. 287-313). E conclui pedindo com um adeus, nesse feitiço de prece, que possa Deus iluminar o coração de seu querido amigo Rufino, para que os seus olhos não sejam enfeitiçados e ele vá para onde ele, Valério, teme. Mas, principalmente, para que não pareça ter ele, Valério, escrito um *Orestes*.

Referências

ANCRENE RIWLE, THE (Anônimo). Trad. M. B. Salu. London: Burns & Oates, 1955.

CAPELLA, Martianus. Marriage of Philosophy and Mercury. In: **Martianus Capella and the Seven Liberal Arts**, vol. 2. Trad. William Harris Stahl, R. Johnson e E. L. Burge. New York: Columbia University Press, 1977.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.

CHAUCER, Geoffrey. The Wife of Bath. In: _____. **The Canterbury Tales**. Trad. D. Wright. Oxford: Oxford University Press, 1985, pp. 219-239.

CICERO. **On Oratory and Orators**. Trad. J. S. Watson. New York: Harper and Brothes, 1875.

CICERO. *Cicero: On Old Age, On Friendship, On Divination*. Trad. W. A. Falconer. Loeb Classical Library n. 154. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2011.

GUILLAUME DE LORRIS e JEAN DE MEUN. **Le Roman de la Rose**. 5 vols. Ed. Ernest Langlois. Société des Anciens Textes Français. Paris: Firmin-Didot, 1914-1924.

HOLY BIBLE, THE. Tradução da Vulgata Latina. Belfast, ed. de 1852.

HORACE. **Horace on the Art of Poetry**. Trad. C. Smart e E. H. Blakeney. London: Scholartis Press, 1928.

JEROME, St. Letter 22, to Eustochium. In: _____. **The Principal Works of St Jerome**. Ed. P. Schaff e trad. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company, 1892, pp. 100-137. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

_____. Against Jovinian. In: _____. **The Principal Works of St Jerome**. Ed. P. Schaff e trad. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company, 1892, p. 779-907. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

JUVENAL. Satire VI. In: _____. **The Satires of Juvenal**. Trad. R. Humphries. Bloomington: Indiana University Press, 1958.

MAP, Walter. The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage. In: JAMES, M. R. (Ed. e trad.), **De nugis curialium, Courtiers' Trifles**. Rev. C. N. L. Brooke and R. A. B. Minors. Oxford: Clarendon Press, 1983, pp. 287-313.

MARBOD DE RENNES (MARBODUS REDONENSIS EPISCOPUS). *Liber decem capitulorum*. In: MIGNE, Jacques-Paul. **Patrologiae cursus completus**. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, col. 1698, ls. 1-15. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123,_Marbodus_Redonensis_Episcopus,_Liber_Decem_Capitulorum,_MLT.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2014.

OVID. Ars amatoria. In: _____. **Ovid: The Erotic Poems**. Trad. P. Green. Harmondsworth: Penguin, 1982.

_____. **Metamorphoses**. Trad. A. D. Melville. Introdução e notas E. J. Kenney. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. WALTER MAP e a tradição satírica misógina antimatrimonial no latim medieval.